

Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista

Carla Jeany Duarte Braúnaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Davison da Silva Souzaⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Zélia Maria Lemos Andrade Sobrinhaⁱⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

A escola deveria ser instrumento de transformação social. Contudo, enquanto instituição usada como ferramenta de manutenção do racismo na sociedade, acaba preservando intencionalmente privilégios que vêm sendo assegurados há séculos por um determinado grupo. Nesse contexto, o letramento racial crítico é apresentado como o ponto de partida de uma educação antirracista, assim, busca educar sujeitos para uma prática não racista. Objetivou-se apresentar o conceito de letramento racial como possibilidade de ação na luta contra o racismo dentro e fora da escola. Para tal, tecemos uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Fundamentaram a pesquisa autores/as como Cavalleiro (2020), Ferreira (2014), Freire (2001), entre outros/as. Concluiu-se que a importância de se educar para as relações raciais é urgente e que o letramento racial crítico pode colaborar para a formação de identidades raciais negras no Brasil, descentralizando a cultura eurocêntrica nas escolas e na sociedade.

Palavras-chave: Letramento Racial. Educação antirracista. Espaço educacional.

Critical racial literacy: actions for the construction of an anti-racist education

Abstract

School should be an instrument of social transformation. However, as an institution used as a tool to maintain racism in society, it ends up intentionally preserving privileges that have been secured for centuries by a particular group. In this context, critical race literacy is presented as the starting point of an anti-racist education, thus, it seeks to educate individuals to a non-racist practice. We aimed to present the concept of racial literacy as a possibility of action in the fight against racism inside and outside the school. To this end, we conducted qualitative bibliographic research. The research was based on authors such as Cavalleiro (2020), Ferreira (2014), Freire (2001), among others. We concluded that the importance of educating for racial relations is urgent and that critical racial literacy can contribute to the formation of black racial identities in Brazil, decentralizing the Eurocentric culture in schools and society.

Keywords: Racial Literacy. Anti-racist education. Educational space.

1 Introdução

2

A prática do letramento se faz essencial em sociedades grafocêntricas como a nossa, a leitura e a escrita têm funções sociais no cotidiano, desde ler o nome de um ônibus até ler o rótulo de um produto para saber se é adequado às suas restrições (PEIXOTO, 2012). Diante disso, nessa mesma sociedade, há necessidades de ler e interpretar situações raciais, isso porque no Brasil, o racismo se apresenta ora como passivo, ora como ativo.

Durante esse movimento, encontramos o conceito de Letramento racial, que possibilita uma ação entre sujeitos (brancos e negros) que tem como compromisso político-social o combate ao racismo, através de uma reeducação que viabilize uma leitura crítica do racismo no Brasil e suas múltiplas ramificações. Portanto, temos como objetivo geral apresentar o conceito de letramento racial como possibilidade de ação na luta contra o racismo dentro e fora da escola.

Como metodologia, optamos por uma abordagem qualitativa, que se ocupa com um universo de significados que não pode ser quantificado (MINAYO, 2002). Portanto, neste estudo, trabalharemos com realidades sociais, atravessadas pelo sistema racial. Nosso método se desenha como bibliográfico. Portanto, utilizaremos pesquisas de autores e autoras como: Cavalleiro (2020), Ferreira (2014), Freire (2001).

O trabalho está estruturado em três seções, sendo a primeira sobre as diversas faces do racismo no Brasil; a segunda dialoga a respeito dos Letramentos e a dimensão política desse conceito, por fim, na terceira apresentamos o conceito teórico-prático de Letramento racial.

2 O racismo antinegro no Brasil: a história que a história não conta

Existe um grupo musical chamado Racionais Mc's (2010, s/p) que cita na letra de uma das suas músicas, como forma de protesto: "500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou". Quando paramos para relembrar e refletir sobre a história da construção do país e o negro na sociedade brasileira até os dias atuais,

percebemos que, mesmo depois de tantos anos, continuamos a passos lentos no que diz respeito as oportunidades e a igualdade racial. Em pleno século XXI, ainda precisamos lutar por direitos básicos, tais como acesso à educação, oportunidades igualitárias de emprego, liberdade de ir e vir sem ser “confundido” pela Polícia Militar (PM). Somos cidadãos/ãs brasileiras e devemos ser entendidas como tal, temos participação direta na complexa formação social do Brasil. Diante disso, Nascimento discorre:

3

O escravo negro, assim como o negro atual, não participou da formação social do Brasil só com seu trabalho, com seu sofrimento, ele participou também da mesa, da cama, do pensamento e das lutas políticas do colonizador e de seus pensamentos. Para todo lado que o branco olhar, irá se deparar com o espectro daquele que ele escravizou e que corrompeu (NASCIMENTO, 2021, p. 48).

Para Cavalleiro (2020), as pessoas negras ainda permanecem ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia, trabalho, etc.

A despeito disso, parte da sociedade brasileira acredita que vivemos em uma democracia racial, que é o entendimento que gozamos de plena igualdade entre as pessoas independentemente de raça, cor ou etnia. No entanto, no mundo atual, apesar do fim da escravização e da condenação de práticas e de ideologias racistas, ainda não existe democracia racial (ALMEIDA, 2021). Sobre isso, Cavalleiro também expõe:

Essa ideologia, embora se tenha fundamentado nos primórdios da colonização e tenha servido para proporcionar a toda a sociedade brasileira o orgulho de ser vista no mundo inteiro como sociedade pacífica, persiste fortemente na atualidade, mantendo os conflitos étnicos fora do palco das discussões. Embora ainda exerça muita influência na sociedade, pouco contribui para melhorar concretamente a situação dos negros. Representa uma falácia que serve para encobrir as práticas racistas existentes no território nacional e isentar o grupo branco de uma reflexão sobre si mesmo (CAVALLEIRO, 2020, p. 28-29).

Quando falamos em democracia em sentido amplo, não estamos falando apenas de possibilidade de participação política, mas também de igualdade de direitos, igualdade racial e liberdade garantida a todas as pessoas. Para Abdias Nascimento (2016), a democracia racial constitui um instrumento da hegemonia branca brasileira que mascara um processo genocida. Para a sociedade brasileira, não existe no país um racismo tão evidente quanto é nos Estados Unidos, na Europa ou na África do Sul. Contudo, há uma ideologia racista que perdura até hoje e, sobretudo, há um racismo velado e estrutural.

3 Letramento: uma dimensão política-crítica-reflexiva

Não há democracia se não existem cidadãos/as letrados/as no contexto social, por isso, é necessário incluí-los/as no processo de leitura e escrita para a construção de uma sociedade em que todo indivíduo seja agente participativo e ativo. Para Freire (1989), os processos de escolarização e de alfabetização são compreendidos como um ato político e como prática de liberdade, entendendo os/as educandos/as como seres sociais, que são dotados de uma bagagem cultural.

Segundo o autor, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13). Podemos enfatizar então, que a racionalidade emancipatória traz a reflexão na prática, nesse sentido se dá a construção de indivíduos conscientes e críticos. Diante disso, essa emancipação do sujeito é essencial para a contribuição na formação de um/a cidadão/ã crítico/a do qual as suas ações e práticas são conscientes.

Parte-se do pressuposto de que a leitura e a escrita são práticas sociais, e para entendermos o funcionamento, precisamos levar em consideração os contextos dessas práticas e como os indivíduos serão atingidos por essas experiências que serão diversas, assim como os sujeitos e os percursos que serão efetuados por eles.

Freire (2003) enfatiza uma educação fundamentada na ética da qual o educando desenvolve sua autonomia de construir o seu aprendizado a partir da sua

leitura de mundo e da sua realidade dentro do contexto do qual o sujeito está inserido, essa perspectiva freireana proporciona ambientes democráticos, em que o diálogo e a relação com o outro é essencial no processo formativo. Para o autor, através da leitura os homens serão emancipados, diante disso, não serão apenas espectadores da história, mas se tornarão agentes participativos. Pois a consciência crítica possibilita que o sujeito conheça a sua realidade e busque transformação nesse cenário de desigualdade e exclusão social.

5

Na perspectiva de Freire, ler vai além da decodificação de símbolos: a leitura traz para o homem a esperança e a justiça da qual o/a oprimido/a busca pela dignidade, pela transformação e igualdade, a partir do entendimento da construção da sociedade, em que o sujeito/leitor interpreta também a sua realidade não somente textos, com isso, os/as oprimidos/as podem ser libertos dos opressores.

Contudo, enquanto as pessoas brancas não se assumirem como racistas e buscarem transformações na sociedade, o racismo ainda continuará como um sistema de morte. É possível identificarmos o racismo estrutural no nosso cotidiano, e dentro do ambiente escolar, como por exemplo a organização do currículo, que não existe espaço para perspectivas negras e para autores/as negros/as.

É essencial que as instituições educacionais assumam o compromisso de buscar mudanças para que os/as educandos/as tenham acesso as ações não somente em datas específicas como o dia da consciência negra, Apesar de serem importantes, não são suficientes. Fundamental é a efetiva implementação da Lei nº 10.639/03 e a 11.645/08, ressaltando a história e as culturas afro-brasileiras e indígenas no contexto educacional. Essa aplicação nas escolas se torna indispensável para combatermos o preconceito racial na sociedade brasileira. Sem o conhecimento da história de diferentes povos que fazem parte da nossa sociedade, da nossa origem, o racismo continua ocorrendo. A “neutralidade” da história e da linguagem sustenta e mantém o racismo.

4 Letramento racial: um conceito teórico-prático na luta contra o sistema racial de opressão

O Movimento Negro brasileiro travou lutas históricas de suma importância para o avanço das políticas educacionais que favorecem o acesso, permanência e sucesso das populações negras no sistema educativo. Contudo, ainda temos um longo caminho a percorrer para que de fato, as histórias, saberes e culturas das populações negras e africanas estejam presentes nas escolas, fora da ótica eurocêntrica, que enxerga as populações negras de forma estereotipada.

6 A escola, como uma instituição da sociedade, não é neutra ou isenta, ela é ideológica, portanto, se a sociedade é racista a escola é racista, pois “Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país” (NASCIMENTO, 2016, p. 54). Logo, o grupo minoritário (branco) se beneficia diretamente e indiretamente desse controle.

Por meio da educação brancocêntrica “[...] nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado” (GONZALEZ, 2020, p. 160). E essa educação enxerga as identidades negras de forma negativa, fazendo com que as populações negras tenham na população branca um modelo de ser humano (SOUZA, 2021), já que o sistema educacional, transmite a ideia de uma população negra, pobre, feia, suja e coisificada, como sendo não humana.

Diante do exposto, apresentamos o Letramento Racial, como uma ferramenta contínua de ação, um compromisso político no enfrentamento do racismo dentro e fora da escola. O racismo presente no Brasil, se caracteriza por ser perverso e por vezes silencioso. O professor Cunha Jr. caracteriza o racismo como sendo “[...] um sistema de dominação elaborada cientificamente, como um sistema ideológico, que é disseminado de forma pedagógica e estruturada” (CUNHA JR, 2022, p. 110).

O conceito de Letramento Racial “[...] surge a partir da Teoria Racial Crítica (Critical Race Theory) nos Estados Unidos, onde alguns autores usam raça como ponto de partida para analisar uma série de questões sociais” (SANTOS; AMORIM, 2021, p. 04-05). O Letramento Racial é uma ferramenta que nos ajuda a perceber como a raça opera na sociedade brasileira, ou seja, é uma prática de leitura do

mundo (SEVERO, 2021) em que podemos perceber os privilégios que a branquitude detém e mantém, e as barreiras impostas às populações negras.

Diante disso, necessitamos pensar o branco como raça e debater essa raça como mantenedora do sistema racial. Faz parte do Letramento Racial ler a branquitude como um grupo racial que mantém seus privilégios a partir da opressão de outro grupo.

A luta contra o racismo é um compromisso político que deve ser assumido por agentes brancos e negros, pois “[...] para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar e em todas as disciplinas do currículo escolar” (FERREIRA, 2014, p. 250). Isso implica enxergar o Letramento Racial como uma ferramenta de mudança das ações e pensamentos.

Essas ferramentas que o Letramento Racial possibilita, são essenciais para entendermos que o homicídio de um jovem negro pela PM, a “bala perdida” que mata dezenas de pessoas negras anualmente, o estrangulamento de um senhor dentro de um supermercado, uma família que teve seu carro alvejado pelo exército brasileiro com 80 tiros, não são práticas isoladas, pelo contrário, fazem parte de um sistema estrutural que busca exterminar as populações negras.

A luta contra o racismo é um compromisso comunitário, interpretá-lo e saber como agir em situações racistas ou de conflito racial, são questões pertinentes que não cabem apenas aos/as educadores/as, mas a todos nós que acreditamos em um mundo mais igualitário e justo. Por isso, acreditamos que “[...] o trabalho na perspectiva do letramento racial crítico e da educação antirracista deve ser contínuo, porque o tempo para cada um avançar é diferente [...]”. (SOUTA; JOVINO, 2019, p. 154) e trilhando esse caminho de forma contínua, repensando a educação, apresentando outros saberes e visões de mundo aos/as educandos/as, em um processo crítico de ação, reflexão e ação, podemos reduzir de forma significativa os impactos raciais na educação e na sociedade, como um todo.

5 Considerações finais

O estudo versou sobre o Letramento Racial, que tem como compromisso político-social o combate contra o racismo. A pesquisa teve como objetivo geral apresentar o conceito de letramento racial como possibilidade de ação na luta contra o racismo dentro e fora da escola.

Dessa maneira, abordamos o racismo antinegro no Brasil (CUNHA JR, 2022), enfatizando que apesar de anos de luta da população negra, a desigualdade racial ainda ocorre no século XXI. Diante disso, é preciso que a branquitude reconheça seus privilégios na sociedade para que haja desconstrução de conceitos que atravessam as populações negras e causam desigualdades e injustiças no contexto social.

Destacamos o Letramento Racial como possibilidade de mudança, de (re)educação do racismo presente em diversos âmbitos da sociedade. Através da consciência gerada pelo conhecimento da história da população negra, deixando de lado o eurocentrismo. Nesse sentido, apresentamos nesta pesquisa reflexões acerca do ser crítico e participativo, que compreenda os seus direitos e sejam agentes transformadores de espaços.

Identificamos que para isso, a luta contra o racismo e o preconceito precisa ser vista como um dever comunitário em que os indivíduos se comprometam a buscar ações em seu cotidiano. Além disso, as instituições de ensino precisam trazer representatividade e identidades negras positivas dentro do contexto educacional, formando cidadãos/as letrados/as, críticos/as e participativos/as.

Referência

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

CUNHA JUNIOR, H. A. História dos afrodescendentes disciplina do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Ceará. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online)**, Maringá, v, 21, n. 232, p. 99-113, jan/fev. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57870>. Acesso em: 30 jul. 2022.

ALMEIDA, Sílvio de. **Racismo Estrutural: Feminismos plurais**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, jul-out. 2014. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/TEORIA-RACIAL-CR%C3%8DTICA-E-LETRAMENTO-RACIAL-CR%C3%8DTICO.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed., Petrópolis, Vozes, p. 9 – 30, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PEIXOTO, Renata Castelo. Era uma vez um leitor que cresceu e virou professor: algumas reflexões sobre as problemáticas de leitura no curso de pedagogia. In: RIBEIRO, R. M. B.; PEIXOTO, R. C.; COSTA, E. W. C.; PINHEIRO, J. L. (org). **Leitura e construção de conhecimento na universidade**. Fortaleza: EdUece, 2012. p. 45-65.

RACIONAIS MC'S. A vida é um desafio. Youtube, 2010. Disponível em: <https://youtu.be/PQin7NsK7SM>. Acesso em: 30 ago. 2022

SANTOS, Maxwell Souza dos; AMORIM, Marcel Alvaro. O Letramento racial crítico em vestibulares: o caso da UNICAMP sob a ótica dialógica. In: **CONEDU**, VII, 2021, Maceió.

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 6400-6415, jul/set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SOUTA, Marivete; JOVINO, Ione da Silva. Letramento racial e educação antirracista nas aulas de língua portuguesa. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 41, n. 2, p. 147-166, jul/dez. 2019. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14995>. Acesso em: 30 de ago. de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negra**. rio de janeiro: Zahar, 2021.

ⁱ **Carla Jeany Duarte Braúna**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0171-1512>

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Centro de educação (CED), Curso de Pedagogia. Atua na área de pesquisa com foco na Educação inclusiva e Formação de professores.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2620155922182548>

E-mail: Carlajeanyduarteidem@gmail.com

ⁱⁱ **Davison da Silva Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8597-4933>;

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Centro de educação (CED), Curso de Pedagogia. Pedagogo formado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), pesquisador em educação para as relações Étnico-Raciais, Educação popular e políticas de cotas raciais. Ilustrador. Educando de especialização em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Infantil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5879358723019951>

E-mail: davisonsouzza20@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Zélia Maria Lemos Andrade Sobrinha**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1695-9593>

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Centro de educação (CED), Curso de Pedagogia. Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Pesquisadora em educação antirracista no espaço escolar. Atualmente atua como professora de Educação Infantil. Além disso, é aspirante à escritora, batuqueira e brincante.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0405250450744400>

E-mail: lia_maite@hotmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

BRAÚNA, Carla Jeany Duarte; SOUZA, Davison da Silva; ANDRADE SOBRINHA, Zélia Maria Lemos. Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.